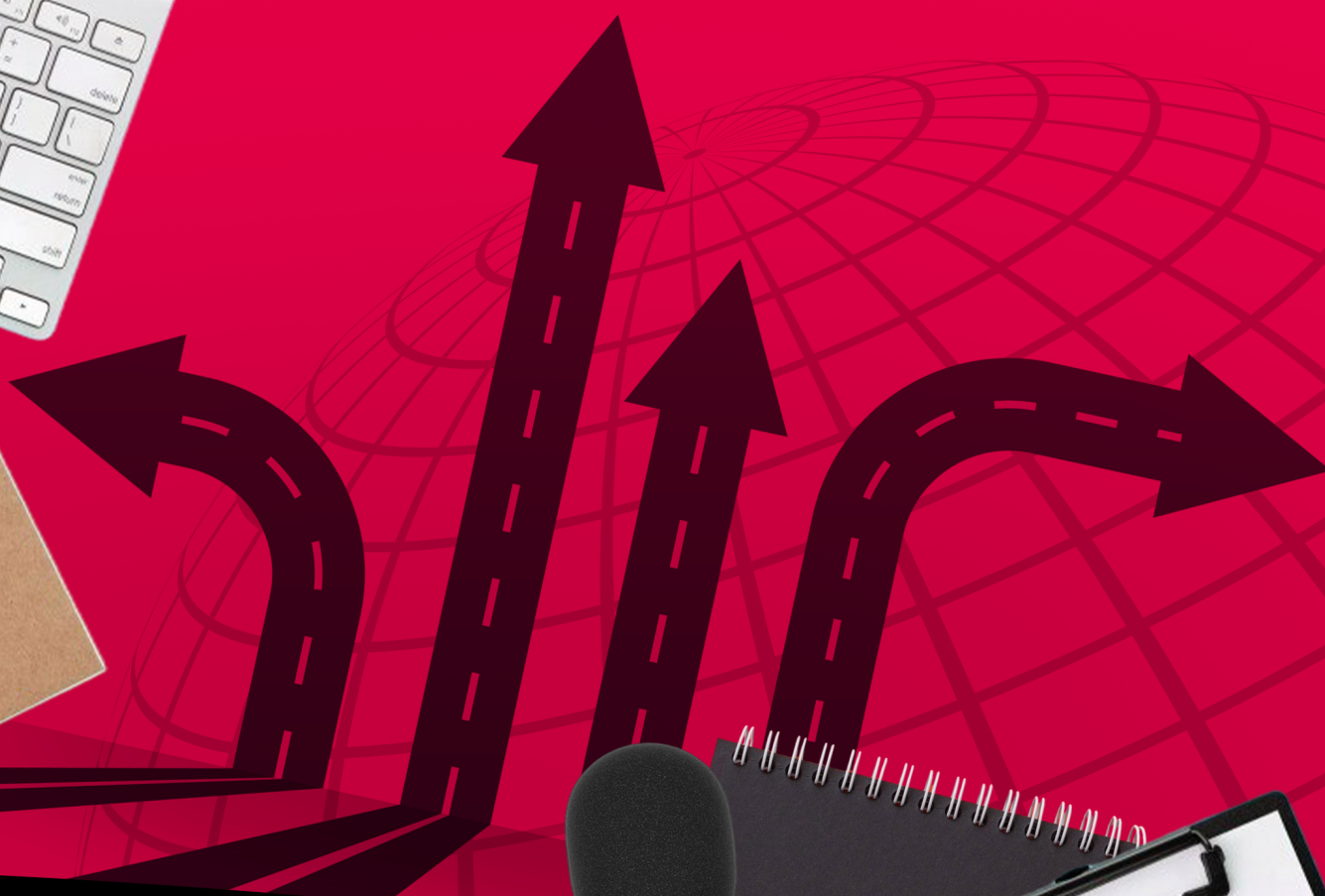


FUTUROS DO JORNALISMO

CENÁRIOS E IMPLICAÇÕES PARA O
JORNALISMO ÍNTEGRO E DE CONFIANÇA
PARA OS PRÓXIMOS 10 ANOS



SUMÁRIO

■ Apresentação.....	3
■ Resumo Executivo.....	5
■ Introdução.....	8
■ Os cenários.....	11
A - Reféns de plataformas.....	12
B - Praça pública qualificada.....	17
C - O futuro é local.....	22
D - Fim do jornalismo.....	27
■ Trajetórias robustas para um jornalismo íntegro e de confiança.....	32
Enfrentamento do Cenário A - Reféns de plataformas.....	33
Enfrentamento do Cenário B - Praça pública qualificada.....	34
Enfrentamento do Cenário C - O futuro é local.....	35
Enfrentamento do Cenário D - Fim do jornalismo.....	36
■ Síntese das estratégias.....	37

Março de 2026

Diretor geral: Thibaut Bruttin. **Diretora editorial:** Anne Bocandé. **Diretor de Advocacy:** Antoine Bernard. **Diretor do escritório da RSF para a América Latina:** Artur Romeu. **Coordenadora de Advocacy para a América Latina:** Bia Barbosa. **Equipe Lab-GEOPI (Laboratório de Estudos sobre a Organização da Pesquisa e da Inovação da Unicamp):** Sergio Luiz Monteiro Salles Filho, professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp; Mariana Ceci, pesquisadora da Unicamp; Mariana Hafiz, pesquisadora da Unicamp. **Comitê Consultivo do projeto:** Abraji, Ajour, Artigo 19 Brasil e América do Sul, Fenaj, Instituto Vladimir Herzog, Momentum – Journalism & Tech Task Force. **Imagem de capa e diagramação:** Elizângela Araújo/Hiperativa Comunicação Integrada

Apoio:



UK Government

I APRESENTAÇÃO

Não é sobre se adaptar à direção dos ventos, mas sobre como influenciar para onde eles sopram. É com este espírito que a Repórteres Sem Fronteiras (RSF), organização internacional que há 40 anos atua em todo mundo em defesa do direito da sociedade à informação livre, plural e de confiança, abraçou o desafio deste projeto, de pensar futuros para o jornalismo no Brasil num marco de 10 anos. Onde nosso campo estará em 2035? Que características marcarão o jornalismo comprometido com a integridade da informação e quais serão os desafios enfrentados pelos atores deste ecossistema?

Em tempos de tantas crises presentes, a necessidade de pensar o futuro parece premente. Diariamente, a sensação é a de sermos atropelados, seja pela crise econômica, com o empobrecimento do setor; pela geopolítica, com a multiplicação de governos autoritários; pela crise tecnológica e a ausência de garantias a direitos fundamentais no entorno digital; pela crise das democracias, com a polarização e as políticas de repressão; e pela crise de confiança no próprio jornalismo, decorrente de todas as anteriores, com manifestações de ódio e hostilidade àqueles e àquelas que se dedicam registrar, sistematizar e analisar fatos.

Diante de atravessamentos tão críticos, olhar para futuros possíveis é um exercício que nos exige congelar momentaneamente a rotina e mirar num horizonte de possibilidades, para definir estratégias de longo prazo.

Para a RSF, este olhar está permeado pela defesa do jornalismo e da informação como bens públicos; pela ideia de que um jornalismo íntegro e de confiança é cada vez mais relevante num contexto de fragmentação da coesão social, impulsionada pelas novas formas de produção, distribuição e consumo de notícias. E pela convicção de que o método jornalístico é um elemento central de apreensão da realidade e do debate público, que está no cerne da qualidade democrática.

É essa defesa de fundo que perpassa este estudo, pilotado de maneira tão estimulante pela equipe do Laboratório de Estudos sobre a Organização da Pesquisa e da Inovação da Unicamp (Universidade de Campinas) e enriquecido significativamente pelo Comitê Consultivo deste projeto, formado pela Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), Ajour (Associação de Jornalismo Digital), Artigo 19 Brasil e América do Sul, Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), Instituto Vladimir Herzog e Momentum – Journalism & Tech Task Force. Um agradecimento especial a todos.

Com esta pesquisa, esperamos apontar caminhos para convergências e ações concertadas por um amplo conjunto de atores preocupados com o futuro do jornalismo. Ou seja, a vocação deste estudo de cenários, além de um chamado à defesa do jornalismo íntegro de qualidade, é um chamado para que um leque de atores, das mais diferentes posições neste ecossistema informacional, atue junto em torno de caminhos possíveis.

Entre eles, a busca por um Estado promotor de políticas públicas de apoio e valorização do trabalho da imprensa. Se há um aspecto comum nas estratégias decorrentes para fortalecer o jornalismo íntegro e de confiança, em todos os cenários desenvolvidos no estudo, é a centralidade do Estado. Ao contrário do que comumente se considerou compreender como papel do Estado no debate público e na circulação de informações em sociedades democráticas – o de não interferir ou operar como censor dos direitos de informação e liberdade de expressão –, os debates realizados ao longo deste projeto apontam em outro sentido.

Poucas saídas e soluções estruturantes para o setor são encontradas à margem de um marco regulatório robusto e de políticas públicas bem estruturadas, que fomentem a sustentabilidade e diversidade da produção jornalística, enfrentem a desinformação e promovam a educação midiática. Daí a expectativa de que este relatório contribua também para reflexões no âmbito dos três Poderes, ainda mais num ano de eleições gerais no Brasil.

Muitas vezes quando governos, empresas e organizações sociais desenham cenários para orientar sua ação estratégica, o objetivo é propiciar leitura e análise de contexto visando um melhor posicionamento no futuro. No caso específico, como cada veículo ou iniciativa jornalística pode melhor se adaptar às condições atuais para ter mais sucesso comercial, credibilidade ou produzir inovação.

A proposta da RSF aqui é outra. Não é sobre como melhor se adaptar à direção dos ventos, mas sobre como influenciar para onde eles sopram, em prol de um ambiente mais favorável à garantia do direito à informação e propenso à valorização do jornalismo íntegro e de confiança. É como o campo comprometido com o futuro desse jornalismo pode e deve ser parte ativa de mudanças que poderão beneficiar todo este ambiente.

Que esta seja mais uma contribuição para impulsionar convergências em torno de caminhos. Que pensar o jornalismo no Brasil daqui a 10 anos nos permita, hoje, construir acordos e desenvolver ações sistêmicas e de longo prazo. Para que este amplo conjunto de atores possa, estrategicamente, caminhar junto. Este é o nosso desejo e nossa disponibilidade.

Artur Romeu

Diretor do escritório da RSF para a América Latina

I RESUMO EXECUTIVO

O presente estudo foi conduzido pelo Laboratório de Estudos sobre Organização da Pesquisa e da Inovação (Lab-GEOPI), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em colaboração com a organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF).

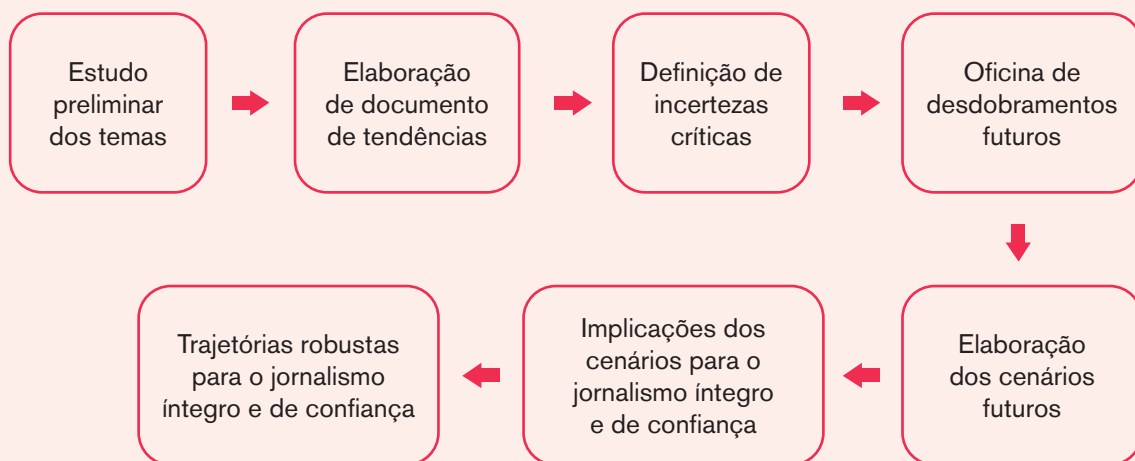
O objetivo é identificar e analisar cenários alternativos com possíveis futuros para o jornalismo íntegro e de confiança, isto é, comprometido com o método de produção jornalística e com a integridade informacional.

A pesquisa foi realizada entre agosto de 2025 e fevereiro de 2026 combinando duas abordagens: ampla revisão de literatura, com elaboração de documento de tendências, seguida da construção de cenários a partir de uma oficina presencial com 46 representantes do setor, realizada na cidade de São Paulo em outubro de 2025.

Foram inicialmente identificadas as principais incertezas sobre o futuro do jornalismo em um horizonte temporal de dez anos. Essas incertezas - aqui chamadas de incertezas críticas - foram distribuídas em cinco dimensões analíticas: i) segmentos jornalísticos, ii) fontes de financiamento, iii) preferências de consumo e atratividade do jornalismo, iv) condições para o pleno exercício do jornalismo, e v) agentes de produção e disseminação da informação.

O estudo foi acompanhado por um Comitê Consultivo, formado por representantes das organizações Artigo 19, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Associação de Jornalismo Digital (Ajour), Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Instituto Vladimir Herzog, e Momentum | Jornalismo & Tech Task Force, além da Repórteres Sem Fronteiras.

O esquema a seguir resume o passo a passo da metodologia.



CENÁRIOS

Foram identificados quatro cenários alternativos para o futuro do jornalismo até 2035:

- **Cenário A – Reféns de plataformas:** As plataformas digitais consolidam-se como as principais intermediárias da informação, tornando o ecossistema informacional pouco diverso e concentrado em grandes centros. Nesse ambiente, o setor depende da sua capacidade de adaptação às lógicas algorítmicas e tecnologias de IA para garantir audiência. Grandes conglomerados são os principais beneficiados.
- **Cenário B – Praça pública qualificada:** A combinação de regulação eficaz de plataformas e políticas públicas voltadas para a valorização do jornalismo cria um ambiente mais equilibrado para a circulação de informação. O jornalismo se fortalece como um bem público a ser defendido e há maior diversidade de atores produtores de notícias.
- **Cenário C – O futuro é local:** Em um ambiente informacional altamente fragmentado, apostar na proximidade com audiências promove o crescimento de iniciativas locais, comunitárias e de nicho. Modelos de financiamento baseados em vínculos e identificação garantem a retenção de audiência, mas não garantem, por si só, padrões consistentes na aplicação do método jornalístico.
- **Cenário D – Fim do jornalismo:** A imprensa perde espaço para sistemas automatizados de produção de conteúdo e para redes de propaganda e desinformação. O jornalismo íntegro e de confiança enfrenta graves dificuldades para manter sua função social e produzir informação valorizada e consumida pelo público.

Os cenários variam em termos de regulação, modelos de financiamento e organização da produção jornalística como um todo. O propósito é cobrir um amplo espectro de possibilidades de eventos futuros, servindo como referência para o planejamento de organizações comprometidas com o jornalismo íntegro e de confiança.

A partir das implicações de cada cenário é possível definir um conjunto de estratégias robustas, entendidas aqui como aquelas que preparam as organizações para navegar em qualquer dos cenários ou de possíveis combinações deles no futuro.

Foram identificadas seis estratégias robustas:

- **Tornar o método jornalístico amplamente adotado e difundido:** adotar como prática padrão a comunicação clara dos critérios de apuração, verificação e objetividade do jornalismo, de modo a diferenciar-se de conteúdos automatizados, opinativos e que contêm desinformação. A adoção desse método deve ser evidenciada ao público por meio de selos, certificações e outras formas que permitam a rápida identificação do conteúdo produzido pelo jornalismo íntegro e de confiança.

- **Enfrentamento à desinformação:** estruturar iniciativas permanentes de monitoramento e checagem de conteúdos virais ou aprimorar aquelas existentes, com o objetivo de identificar informações enganosas e produzir verificações acessíveis ao público. Podem ser desenvolvidas em parceria com outros veículos, universidades e plataformas digitais, beneficiando-se do compartilhamento de metodologias, dados e ferramentas de checagem.
- **Fortalecer redes de cooperação:** estabelecer parcerias entre organizações de jornalismo locais, regionais e nacionais para ampliar alcance territorial, compartilhar programas de capacitação profissional e estruturar projetos conjuntos de monitoramento de desinformação. A cooperação com universidades também pode ampliar a capacidade investigativa sobre desinformação, hábitos de consumo de notícias e o funcionamento de plataformas.
- **Diversificar modelos de sustentabilidade financeira:** combinar publicidade (inclusive segmentada), assinaturas, membresia, filantropia e editais e fundos públicos, de modo a construir vínculos de identificação e confiança com a audiência e fortalecer retenção do engajamento.
- **Investir em educação midiática:** em parceria com escolas e universidades, capacitar diferentes segmentos da população a reconhecer fontes de jornalismo íntegro e de confiança e compreender o método jornalístico. A educação midiática deve ter como objetivo construir o letramento midiático¹, formando cidadãos com conhecimentos básicos sobre o processo de produção do jornalismo íntegro e de confiança e capazes de discernir sobre a confiabilidade dos conteúdos informacionais que consomem e compartilham.
- **Advocacy para fortalecimento do ambiente regulatório do jornalismo:** atuar regularmente em fóruns e processos de deliberação sobre normas e leis que protejam e fortaleçam o jornalismo íntegro e de confiança e reduzam os espaços de desinformação.

¹ Os termos "letramento midiático", "alfabetização midiática" ou "literacia midiática" são utilizados para traduzir e abarcar o significado do termo anglófono *Media and Information Literacy*. De acordo com a Unesco, o letramento midiático refere-se a um conjunto fundamental de habilidades que permitem avaliar criticamente as atividades da mídia e de outros provedores de informação, compreender os processos de produção de conteúdos midiáticos e participar de maneira consciente e crítica no consumo e no engajamento com esses conteúdos.

I INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta os principais resultados do estudo prospectivo sobre futuros do jornalismo, conduzido entre agosto de 2025 e fevereiro de 2026 no Brasil pelo Laboratório de Estudos sobre Organização da Pesquisa e da Inovação da UNICAMP (Lab-GEOPI) e pela organização Repórteres Sem Fronteiras.

Ele apresenta a metodologia empregada, os cenários futuros construídos e as implicações para um jornalismo íntegro e de confiança, assim como um conjunto de trajetórias que visam fortalecê-lo em quaisquer cenários - favoráveis ou desfavoráveis - nos próximos dez anos (2026-2035). Aqui entende-se por jornalismo íntegro e de confiança aquele que é fruto do processo de produção jornalística comprometido com integridade da informação, que aplica método² e procedimentos rigorosos, éticos e verificáveis para apurar, checar, contextualizar e apresentar informação. Produtos intermediários, que detalham passos apresentados no presente relatório, poderão ser acessados nos links incluídos ao longo do texto.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada articulou as abordagens de identificação de tendências, construção de cenários alternati-

vos e identificação de trajetórias robustas para o enfrentamento de um amplo espectro de possibilidades de futuros. Em função dos elevados níveis de incerteza, o presente estudo considerou todas as possibilidades de futuros sem atribuição de probabilidades. A intenção foi justamente cobrir um amplo espectro de eventos que possam afetar o jornalismo íntegro e de confiança nos próximos dez anos.

O mapeamento de tendências, fatores de mudança e incertezas críticas que podem impactar o jornalismo íntegro e de confiança deu origem a um documento de apoio. Para tanto, foram utilizados dados secundários, como outros estudos prospectivos, relatórios técnicos e bases de dados sobre jornalismo e de publicações acadêmicas. Esse levantamento foi discutido e validado junto a um Comitê Consultivo³.

A principal técnica de prospecção adotada no estudo foi a de cenários alternativos, uma abordagem particularmente útil para visualizar, de forma organizada e coerente, possíveis desdobramentos futuros de fatores que influenciam fortemente um tema, uma área do conhecimento, um setor ou uma organização. Esses fatores são denominados incertezas críticas, pois apresentam elevado potencial de impacto no futuro - neste caso, do

² O método jornalístico é o que diferencia o jornalismo de opinião, propaganda, boatos ou simples divulgação de informações — é ele que transforma fatos em conhecimento público confiável. No presente relatório, esse conceito é também usado como atribuição de qualidade da informação jornalística.

³ O estudo foi acompanhado por um Comitê Consultivo formado, além da Repórteres Sem Fronteiras, por representantes das organizações Artigo 19, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Associação de Jornalismo Digital (Ajour), Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Instituto Vladimir Herzog, Momentum - Jornalismo & Tech Task Force.

jornalismo íntegro e de confiança.

Existem diversas técnicas para a construção de cenários. Nesse estudo, emprega-se a metodologia de *scenario planning*, amplamente adotada por organizações públicas e privadas. Essa abordagem permite estruturar um amplo espectro de futuros plausíveis e analisar seus impactos potenciais sobre o objeto de estudo.

No presente estudo, esse processo foi realizado por meio das seguintes etapas:

1. Levantamento de tendências e incertezas críticas: baseado na revisão da literatura e na análise de relatórios recomendados pelo Comitê Consultivo e levantados pela equipe de pesquisa, com o objetivo de identificar os aspectos estruturais e emergentes que podem influenciar o futuro do jornalismo íntegro e de confiança.

2. Definição dos eixos de incerteza com o Comitê Consultivo: a partir das variáveis identificadas, selecionaram-se as incertezas críticas mais relevantes. Elas foram distribuídas em cinco dimensões de análise: segmentos jornalísticos, fontes de financiamento, preferências de consumo e atratividade do jornalismo, condições para o pleno exercício do jornalismo e agentes de produção e disseminação da informação.

3. Elaboração do documento de apoio para a oficina: os resultados da revisão da literatura em cada uma das dimensões selecionadas orientaram a elaboração de um documento de apoio que sintetiza as evidências, os conceitos e as tendências do ecossistema jornalístico atual. [Esse documento](#) foi utilizado

para orientar discussões durante uma oficina de construção de cenários, que contou com a participação de 46 representantes de 36 organizações de mídia, veículos jornalísticos, pesquisadores da área de comunicação e poder público.

4. Oficina de cenários: realizada em 10 de outubro de 2025, em São Paulo (SP). Os participantes foram divididos em cinco grupos de discussão, voltados ao debate das dimensões citadas (segmentos jornalísticos; fontes de financiamento; preferências de consumo e atratividade do jornalismo; condições para o pleno exercício do jornalismo; e agentes de produção e disseminação da informação). Cada grupo contou com cinco a sete participantes, um relator designado pela Repórteres Sem Fronteiras e um membro do Comitê Consultivo. A divisão buscou garantir que cada dimensão fosse analisada por ao menos dois grupos. Todas foram discutidas por dois grupos, exceto a Dimensão 4, que foi discutida por três grupos.

5. Construção de cenários alternativos até 2035: com base na combinação dos eixos de incerteza, elaboraram-se cenários prospectivos que descrevem diferentes configurações possíveis para o futuro do jornalismo íntegro e de confiança ([o documento completo dos cenários pode ser acessado pelo código ao lado](#)).



6. Análise de impactos e formulação de recomendações: cada cenário foi analisado quanto aos seus impactos potenciais para um jornalismo íntegro e de confiança, permitindo identificar riscos, oportunidades e possíveis estratégias de atuação, aqui chamadas de trajetórias robustas. Os temas de impacto escolhidos para a análise das implicações dos cenários foram:



Conteúdos

O que poderá acontecer em cada cenário quanto aos conteúdos jornalísticos a serem valorizados? O que deve ocorrer nos cenários de adesão dos conteúdos ao método de produção jornalística e quais são os impactos na confiabilidade da informação gerada e divulgada?



Regulação

De que maneira instrumentos de regulação projetados em cada cenário, diretamente relacionados ao jornalismo ou não, poderão impactar a produção jornalística comprometida com a confiabilidade informacional?



Formas de distribuição

Quais desdobramentos cada cenário aponta para as formas de distribuição do jornalismo íntegro e de confiança, e como os produtos e serviços desse jornalismo serão impactados por esses cenários?



Tecnologias e jornalismo

Como as tecnologias, especialmente as relacionadas à inteligência artificial aplicada ao processo de produção jornalística e distribuição desses conteúdos, deverão se desdobrar em cada cenário? Como a evolução, expansão e pervasividade das plataformas, LLMs e outras formas de IA devem evoluir e impactar o jornalismo nos diferentes futuros?



Sustentabilidade financeira

O que os cenários projetam sobre as formas de sustentabilidade financeira do jornalismo íntegro e de confiança? Quais condições e estratégias de sustentabilidade financeira cada cenário aponta para a produção jornalística comprometida com a integridade informacional?



Amplitude e profundidade de públicos que distinguem jornalismo íntegro e de confiança

Como os diferentes públicos serão impactados pelos cenários, de acordo com a faixa etária, a região e o nível socioeconômico? Como esses públicos devem se comportar em diferentes cenários em relação ao consumo e engajamento com jornalismo íntegro e de confiança?



Política públicas de fomento

O que esperar das políticas públicas e da regulação dos meios de produção e circulação de informação para o jornalismo íntegro e de confiança em cada cenário? Como poderão se comportar as políticas e os instrumentos públicos de fomento ao jornalismo íntegro e de confiança?



OS CENÁRIOS

O estudo sobre o futuro do jornalismo íntegro e de confiança desenvolvido ao longo deste processo resultou num documento com quatro cenários alternativos para o jornalismo, com horizonte temporal de 10 anos, produzido após uma oficina com especialistas de diversas organizações. Os cenários são apresentados resumidamente a seguir.



CENÁRIO A

REFÊNS DE PLATAFORMAS

Neste cenário, as tendências atuais de produção, consumo e disseminação de notícias se perpetuam sem mudanças significativas nos próximos 10 anos. Sua lógica central é a crescente centralização da informação em plataformas digitais e redes sociais sob rasa e insuficiente regulação.

Narrativa

O audiovisual consolida-se como o principal meio de propagação de notícias. O rádio e a televisão, especialmente em seus formatos digitais, por meio de plataformas e redes sociais, concentram a maior parte do consumo de informação no Brasil, impulsionados pela prevalência de podcasts e de plataformas que priorizam vídeos e áudios, longos ou curtos. Enquanto o número de emissoras digitais cresce, o jornalismo impresso segue em declínio. Neste modelo de distribuição, todos os veículos se tornam multiplataformas.

Em termos de conteúdo, a produção jornalística volta-se excessivamente aos grandes centros urbanos, distanciando-se do noticiário local e regional. As grandes marcas seguem se consolidando em detrimento de veículos menores e de nicho, uma vez que possuem maior capacidade estrutural para incorporar novas tecnologias à produção de notícias.

Neste cenário, o jornalismo desenvolve uma dependência intensa das plataformas digitais e das redes sociais para alcançar sua audiência. Como essas plataformas controlam a distribuição do conteúdo noticioso, a sobrevivência dos veículos atrela-se à sua capacidade de

adaptação às políticas de moderação e à inserção simultânea em múltiplos canais.

Grandes empresas e grupos, como Record e Globo, adquirem vantagem natural. Redes nacionais de televisão, emissoras de rádio e afiliadas regionais vinculadas às principais associações também conseguem manter centralidade em função da sua escala, capilaridade e infraestrutura. A adaptação das suas rotinas produtivas, formatos e estratégias de monetização às políticas de moderação permite-lhes maximizar o alcance já consolidado.

O modelo de receita continua baseado na publicidade, com foco em conteúdo patrocinado (*branded content*) e na integração entre e-commerce e marketing. Para os grandes veículos e a mídia de legado, isto é, organizações que surgiram e se consolidaram pré-internet e que foram originalmente estruturadas em modelos de produção, distribuição e monetização analógicos e centralizados, o *paywall* permanece uma fonte relevante, embora o número geral de assinantes siga em queda.

Para garantir a sustentabilidade, esses atores diversificam suas receitas estabelecendo parcerias internacionais e criando clubes de benefícios. Em contra-

partida, veículos menores enfrentam dificuldades para se manterem sem diversificar as fontes para além das assinaturas. A remuneração pelo uso de conteúdo jornalístico por agentes de inteligência artificial (IA) não se consolida como uma solução estrutural para o financiamento do setor; ainda assim, representa uma opção importante para meios tradicionais e grandes veículos que busquem maior controle sobre a distribuição de sua produção nesses ambientes.

O consumo de notícias é pouco diversificado e gira em torno de poucas fontes nacionais e internacionais. Conteúdo, informação e notícias disponíveis nas redes sociais se misturam, ao passo que a produção de notícias se torna difusa. A informação também passa a ser produzida por influenciadores e por pessoas sem formação jornalística, orientadas pelo entretenimento e adaptadas à lógica das redes sociais.

Essa ampliação das fontes em ambientes digitais acarreta duas contrapartidas. Primeiro, a curadoria torna-se um serviço jornalístico essencial: agregadores, newsletters e curadorias individuais são valorizados. Segundo, a fadiga de notícias segue em ascensão; a sobrecarga informacional afasta a audiência de conteúdo sério, longo e negativo. O público evita notícias devido ao sofrimento psíquico que elas provocam. A confiança no jornalismo decai e a população mostra-se cada vez mais cética quanto à credibilidade dos jornais, inclusive em função das novas formas de financiamento.

As organizações com atuação local, hiperlocal e regional são as mais impactadas negativamente. O cenário atual favorece a sobrevivência de grandes *players*, ou seja, veículos de legado e grupos consolidados que conseguem se adaptar ao domínio das plataformas digitais. A mídia predominante concentra-se no Sudeste, focada na realidade de São Paulo e de grandes centros urbanos, enquanto conteúdos de agências internacionais ganham espaço, facilitado pela tradução via IA. Com a inviabilidade econômica de muitos veículos locais, persistem os desertos de notícias, lacunas que acabam sendo preenchidas apenas pelo alcance generalista de poucos veículos nacionais.

Embora existam debates sobre a necessidade de regulação, na prática, políticas públicas que visem garantir a integridade do ecossistema informativo, a sustentabilidade financeira dos veículos e a atratividade do jornalismo são ineficazes ou insuficientes. Isto é, deparamo-nos com um cenário que varia da inexistência de políticas voltadas à

regulação de plataformas à incapacidade e limitação das normas e políticas vigentes para frear o domínio delas na distribuição de conteúdo jornalístico.

SÍNTESE

- **Potência do audiovisual:** o formato de vídeo e áudio consolida-se como a linguagem dominante e preferida para o consumo de informação.

- **Vazio regulatório e normativo:** a inexistência ou insuficiência de políticas públi-

O cenário atual favorece a sobrevivência de grandes *players*, ou seja, veículos de legado e grupos consolidados que conseguem se adaptar ao domínio das plataformas digitais.

cas consolida a assimetria de poder entre veículos e plataformas. Sem regulação, não há garantias para a integridade informacional, para a sustentabilidade financeira (o mercado não se regula sozinho a favor do jornalismo) ou para a remuneração justa pelo uso de conteúdo por IAs.

● **Adaptabilidade restrita:** grandes veículos são capazes de garantir sua sustentabilidade a partir de investimento tecnológico e diversificação de receitas (eventos, e-commerce, parcerias internacionais). Pequenos veículos são prejudicados pela inviabilidade de competir.

● **Desertos de notícias:** o foco excessivo em grandes centros e em pautas internacionais deixa vulneráveis os níveis locais e regionais.

● **Dependência e vulnerabilidade:** a sobrevivência dos veículos está refém das políticas de moderação e dos algoritmos das plataformas digitais, sem garantias de remuneração adequada (inclusive por meio de IA).

● **Crise de credibilidade:** o público, cético e afetado psicologicamente pelo noticiário, afasta-se das notícias, abrindo espaço para a fragmentação social e o enfraquecimento do jornalismo enquanto um denominador comum do debate público.

● **Desqualificação da informação:** A notícia perde espaço para o conteúdo de entretenimento produzido por influenciadores e por IA, borrando as fronteiras entre diferentes fontes de informação.

IMPLICAÇÕES PARA OS TEMAS DE IMPACTO

Temas	Implicações
 Conteúdos	O processo de produção jornalística se mantém apenas – e parcialmente – nas grandes empresas de jornalismo. Há uma dupla trajetória: de um lado, proliferam fontes sem controle sobre qualidade e confiabilidade, fora da grande mídia tradicional; de outro, esta mesma mídia mantém o espaço do jornalismo íntegro e de confiança, mas segue abrindo espaços para explorar outros conteúdos, não necessariamente vinculados à integridade informacional, como conteúdos de entretenimento, que não comprometam sua credibilidade. Algumas poucas mídias alternativas, de menor porte, encontram espaço e se sustentam com jornalismo íntegro e de confiança. Assim, os espaços desse jornalismo vão se estreitando, sendo necessária uma escala mínima para acolhê-lo.

Temas	Implicações
 Formas de distribuição	Neste cenário, o audiovisual de origem digital prevalece, e o impresso tende a desaparecer e a perder relevância. O jornalismo íntegro e de confiança é impulsionado a adotar esses formatos sob pena de irrelevância. Sendo o digital hoje facilmente acessível, a concorrência com fontes não comprometidas com a qualidade cresce exponencialmente, o que faz com que a criação de novos espaços para o jornalismo íntegro e de confiança tenha escala nacional ou, no mínimo, macrorregional, com conexões com os grandes jornais nacionais e internacionais.
 Sustentabilidade financeira	O jornalismo de confiança precisará de escala em pelo menos 3 aspectos: capacidade de alcance de público, capacidade de diversificação de fontes de receita e criação e reforço constantes de marcas associadas às suas características. A competição com fontes menos associadas à qualidade é feroz, e os espaços serão reduzidos.
 Políticas públicas de fomento	Neste cenário, as políticas de fomento ao jornalismo de confiança tendem a ter pouco alcance e baixa capacidade de alavancagem, existindo na medida do perfil do governo do momento. As alternâncias da atual polarização trazem instabilidade e descontinuidades, com baixo impacto na promoção do jornalismo de confiança. A busca por parte dos jornalistas e de seus órgãos por promoção de movimentos nacionais que impulsionem a qualidade ganha relevância, desde que com foco e amplitude que apresentem escala e penetração em várias camadas do establishment e da sociedade.
 Regulação	A regulação externa está ausente ou é dúbia o suficiente para criar vazios e judicialização, com custos inacessíveis e de potencial destrutivo. As políticas de moderação e algoritmos das plataformas digitais impõem barreiras à expansão do jornalismo de confiança, aumentando a competição com outros modelos informacionais e requerendo esforço de posicionamento que vai além do marketing tradicional, trazendo também dificuldades de financiamento que precisam ser superadas com diversificação e diferenciação de bens e serviços

Temas	Implicações
 Tecnologias e jornalismo	Neste cenário, a digitalização é inexorável e desloca tudo o que não for digital, com exceção do rádio, que também tende à digitalização, mas segue tendo força via radiodifusão. Do ponto de vista do uso de dados e de assistentes e agentes de IA, há ampla adoção. Isso reforça o ambiente competitivo para o jornalismo de confiança, que, para se manter, deverá ter normas internas de uso que tenham como principal referência o processo rigoroso de produção jornalística. A IA acoplada ao método jornalístico passa a ser uma exigência sine qua non. A formação do jornalista tem que incorporar o uso de assistentes e agentes, com respeito ao método. Assim, a regulação interna da IA, independentemente da externa, passa a ser um imperativo para esse jornalismo.
 Amplitude e profundidade de públicos	Neste cenário, o jornalismo íntegro e de confiança perde espaço em praticamente todos os estratos sociais, por faixa etária, nível socioeconômico e por geografia. O enfrentamento desse quadro, novamente, exige escala e o engajamento de diferentes organizações com interesse no jornalismo de confiança.

CENÁRIO B

PRAÇA PÚBLICA QUALIFICADA

Neste cenário, observamos contra tendências. Sua lógica central é a de que veículos jornalísticos não conseguem apenas sobreviver, mas também prosperar, mesmo em um cenário de predominância das plataformas. Os principais instrumentos para isso são a diversificação de fontes de receita e um marco regulatório favorável.

Narrativa

A produção e o consumo de notícias estão centralizados em plataformas digitais e redes sociais. No entanto, a proliferação de novas tecnologias traz oportunidades importantes para o jornalismo.

Por um lado, o fácil acesso a ferramentas de inteligência artificial (IA) e a incorporação simplificada de tecnologias na produção de notícias permitem mais competitividade de pequenos veículos. Por outro, surge um ambiente no qual a agência humana e a informação íntegra são valorizadas.

A demanda por informação local e hiperlocal, gerada pela centralização dos noticiários em grandes centros urbanos, é suprida pelo jornalismo impresso. Essa cobertura passa a ser valorizada e consumida em âmbito de bairros, municípios e territorialidades marginalizadas. Em contrapartida, o rádio e a televisão digitais perdem relevância como fontes primordiais de informação, registrando queda na circulação de notícias – mesmo daquelas reproduzidas de agências. A sustentabilidade do setor, contudo, é assegurada por legislações que incentivam plataformas e redes sociais a financiarem a produção jornalística.

Do ponto de vista das fontes de receita, a predominância das plataformas reduz o acesso direto aos sites de notícias, diminuindo a receita proveniente de anúncios tradicionais. No entanto, ocorre aumento do número de anunciantes, o que reduz o custo de outras formas de publicidade. Isso permite que veículos menores incorporem estratégias de segmentação e comunicação direcionada. Dessa forma, esses veículos conseguem garantir autonomia operacional e competir com maior equidade no mercado, desde que fundamentados em uma produção jornalística digital e multiplataforma.

O modelo de financiamento sofreu alterações profundas. As assinaturas e o apoio filantrópico foram praticamente suprimidos, visto que a percepção de valor do público mudou. A sobrevivência financeira dos veículos passa a depender, além da diversidade de anunciantes, da venda de serviços, cursos e parcerias, como, por exemplo, com Instituições de Ensino Superior (IES).

Além disso, o financiamento público ganha destaque através de editais de educação e cultura, estimulando o jornalismo e a educação midiática como bens públicos. Esse suporte estatal ocorre em

níveis nacional, regional e local. Emissoras regionais de radiodifusão, em especial, se beneficiam dessa valorização social e institucional. Seu alcance territorial, combinado à credibilidade junto às comunidades locais, amplia o acesso a múltiplas receitas, incluindo publicidade segmentada, editais públicos e remuneração pelo uso de conteúdo audiovisual em agentes de IA.

Os grandes conglomerados de mídia - como os grupos Globo e Record - permanecem atores centrais, inclusive porque possuem mais facilidade na defesa de seus interesses em arenas regulatórias. Com a credibilidade e reputação em alta, eles se mantêm como uma fonte de informação valorizada por públicos de diferentes segmentos.

Além do suporte, agências públicas de jornalismo, como a Agência Brasil e agências estaduais, funcionam como grandes centrais de curadoria e distribuição de informação, garantindo acesso a fatos verificados e informações de produção humana. Ainda que menos focados na televisão e no rádio, seus produtos possuem alta capilaridade e, assim, permitem que veículos locais e hiperlocais reproduzam decisões públicas no noticiário cotidiano das comunidades.

A relação com a tecnologia e a IA apresenta novas dinâmicas. Veículos pequenos conseguem estabelecer parcerias acessíveis com agentes de IA, sendo remunerados pelo uso de seus conteúdos. Nas redações, a IA facilita a adaptação de notícias para diversos formatos, inclusive a criação de *chatbots* próprios. O consumo, em contrapartida, ocorre fre-

quentemente por meio desses *chatbots*. Contudo, há uma valorização do “fator humano” e o interesse do público recai sobre conteúdos gerados por pessoas. Tal componente torna-se um agregador de valor, com a criação de selos que certificam a autoria humana, aumentando a atratividade e a credibilidade do setor.

Neste ecossistema, a transparência e a regulação são pilares fundamentais. As plataformas realizam medições de audiência auditáveis e existe infraestrutura pública para mensurar o alcance de pequenos veículos. A regulação é forte, com diretrizes claras para a proteção,

a remuneração e a priorização do jornalismo, envolvendo o Estado e associações de classe. O setor também pratica autorregulação e conta com um censo anual do consumo de informação. Além disso, os conteúdos para crianças e adolescentes passam por moderação rigorosa e o *fact-checking* recebe

financiamento público.

Esse cenário é favorecido pelos avanços do Brasil nos níveis de violência contra jornalistas – em redução desde 2021 – e pela melhora no Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa, que fortalecem a legitimidade social do jornalismo. Consolida-se o entendimento de que a integridade informacional é um valor democrático a ser protegido, fomentando assim políticas de proteção e apoio ao exercício jornalístico.

Programas de educação midiática nas escolas estimulam o interesse pelo jornalismo e preparam o público para lidar com a desinformação. Isso tor-

Esse cenário é favorecido pelos avanços do Brasil nos níveis de violência contra jornalistas e pela melhora no Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa.

na as audiências mais preparadas para filtrar e discernir as diferentes fontes de informação disponíveis nas plataformas e redes sociais. Jornalistas assumem papéis de influenciadores e produtores individuais conseguem cobrir assuntos regionais, sendo remunerados pelas plataformas, preenchendo lacunas deixadas pelas redações tradicionais. Reconhecido como bem público, o jornalismo recupera espaço para circular informação íntegra, apoiado por um marco regulatório que qualifica o debate público.

SÍNTESE

- **Marco regulatório e normativo forte:** a existência de leis que obrigam plataformas e o Estado a financiar o jornalismo traz sustentabilidade financeira, reduzindo a dependência exclusiva da publicidade direta.
- **Equidade competitiva:** o uso de segmentação de anúncios e infraestrutura pública de medição permite que pequenos veículos locais compitam com maior igualdade.
- **Valorização do “fator humano”:** a distinção clara entre conteúdo gerado

por IA e por pessoas, promovida por selos de certificação, cria um novo valor de mercado e credibilidade para o jornalista.

- **Educação e cultura:** a integração do jornalismo com políticas de educação midiática nas escolas forma novas audiências e prepara a sociedade para lidar com a desinformação.
- **Fortalecimento do jornalismo local:** o cenário favorece a cobertura hiperlocal, preenchendo lacunas e desertos de informação.
- **Crise dos meios tradicionais:** conteúdo jornalístico deixa de ser prioridade no rádio e na televisão digitais, indicando uma ruptura de veículos nesses setores.
- **Fragmentação da produção:** a cobertura local passa a depender muitas vezes de produtores individuais em vez de redações estruturadas, o que pode alterar a dinâmica institucional do jornalismo.
- **Intermediação tecnológica:** o consumo via *chatbots* e a queda do acesso direto aos sites podem distanciar a marca jornalística do leitor final, invisibilizando o veículo original se a rotulagem não for eficaz.

IMPLICAÇÕES PARA OS TEMAS DE IMPACTO

Temas	Implicações
 Conteúdos	Há valorização explícita da informação produzida segundo o método jornalístico, visível na adoção de selos de autoria para diferenciar conteúdos jornalísticos e conteúdos automatizados ou opinativos. Os selos reforçam padrões de apuração, verificação, objetividade e demais critérios de responsabilidade editorial. A valorização de conteúdo jornalístico se consolida também em resposta ao trabalho do Estado em fomentar a produção jornalística, regular plataformas e promover ações de educação midiática nas escolas.

Temas	Implicações
 Formas de distribuição	A distribuição é amplamente intermediada por plataformas, redes sociais e chatbots, mas o jornalismo de confiança é priorizado em função de instrumentos regulatórios, normativos e de certificação vigentes (rotulagem, normas, leis). Conteúdos circulam em formatos adaptados (texto, áudio, conversacional), frequentemente desvinculados da marca do veículo em decorrência da queda no acesso direto. Ainda que haja risco dessa invisibilização, conteúdos jornalísticos confiáveis mantêm circulação ampliada e estabilidade de alcance quando corretamente identificados.
 Sustentabilidade financeira	Existem condições estáveis e estruturais para a sustentabilidade do setor, garantidas pela remuneração compulsória das plataformas, determinada por lei. Receitas complementares (cursos, serviços, parcerias) e a diversificação de anunciantes também asseguram a viabilidade financeira de organizações valorizadas pelo seu comprometimento com a integridade da informação.
 Políticas públicas de fomento	A priorização e valorização do jornalismo são explícitas. Editais e instrumentos de fomento reforçam a necessidade de critérios editoriais de apuração e de transparência. O jornalismo é tratado como bem público essencial à democracia.
 Regulação	Neste cenário, há regulação estatal robusta, complementada pela autorregulação do setor. Existem parâmetros claros para definir e sinalizar as informações produzidas de acordo com o método jornalístico, diferenciando-o de outros tipos de conteúdo em plataformas. Regras de remuneração, priorização algorítmica e mensuração de audiência favorecem conteúdos jornalísticos confiáveis.

Temas	Implicações
 Tecnologias e jornalismo	As tecnologias de IA são incorporadas às rotinas jornalísticas como ferramentas auxiliares ao método jornalístico, mas não o substituem. Elas auxiliam na adaptação de conteúdos, na tradução de materiais de agências e na criação de <i>chatbots</i>, inclusive para pequenos veículos. Ainda assim, a apuração e a verificação permanecem humanas – fatores que se consolidam como agregadores de valor.
 Amplitude e profundidade de públicos	Audiências de diferentes idades tornam-se mais capazes de identificar fontes de jornalismo de confiança, impulsionadas por programas estruturados de educação midiática nas escolas. O jornalismo local amplia seu alcance em territórios periféricos e marginalizados por meio da sustentabilidade de veículos locais e hiperlocais, reduzindo desertos de notícias. O engajamento é alto devido à proximidade do público com os assuntos noticiados.

CENÁRIO C

O FUTURO É LOCAL

Este cenário é caracterizado por adaptações que estabelecem uma nova forma de equilíbrio entre produção, sustentabilidade e consumo do jornalismo. Essa dinâmica é impulsionada pela segmentação de audiências e pela oferta de conteúdos direcionados a nichos específicos, seja geográficos (como o jornalismo hiperlocal), religiosos ou ideológicos.

Narrativa

O ecossistema informativo brasileiro passa por uma reinvenção pautada na reaproximação com territórios e públicos específicos e segmentados. A preferência crescente da audiência por conteúdos ao vivo, hiperlocais e conectados às experiências cotidianas reorienta as rotinas das redações e estimula o surgimento de pequenos coletivos, comunicadores comunitários e influenciadores que se tornam referências informativas em seus bairros, cidades e regiões.

A comunicação torna-se mais fragmentada, mas também mais integrada ao tecido social, com relações de proximidade que reforçam o sentimento de pertencimento entre o público e os produtores de conteúdo.

Contudo, o aumento da concentração dessas emissoras em grupos religiosos ou políticos também pode pautar essa transformação, produzindo e difundindo desinformação.

Nesse ambiente, rádio e televisão sobrevivem como meios nichados e cada vez mais alinhados às lógicas sob

demanda. O rádio se fortalece como fomentador da produção local, ajudando a ampliar coberturas comunitárias e mobilizando a população em torno de temas imediatos. É neste segmento que a influência de grupos políticos e religiosos pode se mostrar mais poderosa, assim como a de emissoras de televisão.

O jornalismo impresso, por sua vez, consegue sobreviver, porém transformado em um produto premium. Tiragens reduzidas, foco analítico e periodicidades flexíveis transformam o impresso em um bem de nicho, valorizado por um público que busca confiabilidade, profundidade e distanciamento da lógica algorítmica. Ainda assim, seu papel social torna-se limitado, incapaz de competir com a velocidade e a capilaridade das plataformas digitais, que concentram a maior parte da produção e da circulação de notícias.

Nas plataformas digitais, o jornalismo fragmenta-se em formatos e linguagens cada vez mais direcionados a públicos específicos. A confiança desloca-se dos veículos para as figuras mediadoras – comunicadores locais, criadores de conteúdo e influenciadores, que estabe-

lecem vínculos afetivos com a audiência. Essa dinâmica reforça a pluralização do ecossistema, mas também amplia a exposição à desinformação, pois a ausência de regulação mantém o ambiente orientado por interesses de segmentos, por lógicas algorítmicas e por baixas exigências de padrões editoriais.

A grande característica deste cenário, porém, é a reorganização da sustentabilidade financeira do jornalismo – aspecto em que o local realmente se torna um diferencial. Modelos de membresia se consolidam, impulsionados por vínculos entre veículos e suas comunidades. A filantropia internacional cresce, especialmente para projetos de impacto social ou ambiental localizados em territórios específicos. Editais temáticos oferecem recursos para coberturas especializadas e diversificadas e fortalecem veículos pequenos e independentes. A publicidade microsegmentada, facilitada por tecnologias, torna veículos nichados mais atraentes para marcas interessadas em públicos bem definidos.

Esse conjunto de tendências indica que o futuro local sustenta financeiramente muitos dos veículos – não de forma massiva ou escalável, mas sim de forma estável e enraizada em relações comunitárias. No entanto, essa vitalidade econômica não se traduz em maior integridade da informação. A proliferação de pequenos produtores, a influência crescente de grupos políticos e religiosos, a pressão comercial sobre distribuidores digitais e a ausência de

políticas públicas estruturantes criam um ambiente em que a qualidade do conteúdo jornalístico oscila, muitas vezes vulnerável à desinformação e à precarização das rotinas jornalísticas.

Assim, embora o cenário represente a reconstrução de vínculos entre comunidades e produção jornalística, ele não garante um ecossistema mais íntegro. O cenário oferece meios de sobrevivência e de reinvenção financeira, mas a integridade informacional permanece frágil e dispersa em meio aos diversos atores que passam a ganhar espaço na produção e distribuição de informação -

como influenciadores e plataformas digitais. A proximidade é um motor de engajamento e sustentabilidade, mas não necessariamente sinônimo de informação de confiança.

SÍNTESE

● **Reforço do jornalismo local e hiperlocal:** a produção informativa se reterritorializa, com comunicadores comunitários, influenciadores locais e pequenos coletivos ganhando protagonismo jornalístico.

● **Fragmentação das plataformas e das audiências:** conteúdos são produzidos para nichos específicos, em múltiplos formatos e linguagens, com forte relação de intimidade e identificação com a figura que comunica a notícia.

● **Sobrevivência nichada dos meios tradicionais:** rádio, TV e impresso persistem com funções específicas. O rádio fortalece conteúdos locais; a TV sofre influência religiosa/política; e o impresso

A grande característica deste cenário, porém, é a reorganização da sustentabilidade financeira do jornalismo – aspecto em que o local realmente se torna um diferencial.

vira produto premium, analítico e de circulação restrita.

● **Predomínio do digital e da lógica algorítmica:** a distribuição ocorre sobretudo por meio de plataformas digitais não reguladas, reforçando a competitividade, a personalização e a vulnerabilidade à desinformação.

● **Sustentabilidade financeira baseada em vínculos comunitários:** crescem as membesias, as assinaturas enraizadas, a filantropia internacional e os editais temáticos – especialmente para veículos locais ou de jornalismo investigativo voltados a temas de impacto social.

● **Publicidade altamente segmentada:** Tecnologias como TV 3.0 e ferramentas de microsegmentação tornam veículos nichados mais atraentes para marcas que buscam públicos específicos.

● **Precarização da integridade informativa:** crescimento do jornalismo local não garante melhoria editorial; a qualidade pode cair devido à ausência de padrões, rotinas frágeis e lógica algorítmica.

● **Aumento da desinformação:** a ausência de regulação das plataformas e a proliferação de pequenos produtores sem formação jornalística amplificam conteúdos imprecisos, enviesados ou falsos.

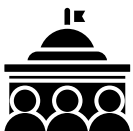
● **Captura política e religiosa da mídia local:** rádios e TVs locais ficam mais suscetíveis a interesses partidários ou religiosos, comprometendo a independência editorial e a pluralidade.

● **Vulnerabilidade financeira dos pequenos veículos:** apesar de oportunidades com membesias e filantropia, a base de sustentabilidade é instável e limitada, principalmente aos interesses que movem os nichos; a microsegmentação publicitária e a busca por engajamento podem incentivar conteúdos partidários ou sensacionalistas, em detrimento de pautas de interesse público.

● **Desigualdade territorial na informação:** locais com maior engajamento ou filantropia atraem recursos; regiões vulneráveis podem continuar sem cobertura jornalística robusta.

IMPLICAÇÕES PARA OS TEMAS DE IMPACTO

Temas	Implicações
 Conteúdos	O reforço do jornalismo local e hiperlocal amplia a relevância social e a proximidade com problemas concretos das comunidades, mas não garante uma melhoria automática da qualidade editorial. A fragmentação extrema e a atuação de comunicadores de diversos perfis tendem a enfraquecer a adesão a métodos clássicos de apuração e de verificação, bem como à pluralidade de fontes. A lógica algorítmica e a busca por engajamento favorecem conteúdos opinativos, identitários ou sensacionalistas, em detrimento de pautas de interesse público, aprofundando a precarização da integridade informativa.

Temas	Implicações
 Formas de distribuição	A distribuição torna-se majoritariamente digital e dependente de plataformas não reguladas, com conteúdos concebidos para circular em nichos específicos. Isso amplia o alcance de públicos antes invisibilizados, mas também submete o jornalismo a decisões algorítmicas opacas, instáveis e orientadas por interesses comerciais. Meios tradicionais sobrevivem de forma segmentada: o rádio se fortalece localmente; a TV sofre maior captura política e religiosa; o impresso torna-se produto premium e restrito, limitando sua capacidade de circulação ampla.
 Sustentabilidade financeira	Crescem modelos baseados em vínculos comunitários, como assinaturas locais, memberships e filantropia internacional, sobretudo em veículos de nicho ou que fazem grandes pautas investigativas de impacto social. Contudo, essa sustentabilidade é frágil e instável, dependente do engajamento contínuo de públicos específicos e de editais temáticos. A publicidade altamente segmentada torna pequenos veículos atraentes para marcas, mas incentiva a produção de conteúdos alinhados aos interesses de nicho, o que pode deslocar o foco do interesse público para a maximização do engajamento.
 Políticas públicas de fomento	No contexto deste cenário, de fragmentação e predomínio digital, políticas públicas podem enfrentar dificuldades para alcançar, de forma equitativa, pequenos produtores e coletivos locais. Onde existem editais e fundos de apoio, eles se tornam fundamentais para a sobrevivência do jornalismo local, mas podem aprofundar as desigualdades territoriais, favorecendo regiões com maior capacidade de articulação institucional. A ausência de políticas estruturantes limita a consolidação de padrões editoriais e de governança.
 Regulação	A baixa regulação das plataformas digitais amplia a circulação de desinformação e reduz a capacidade de responsabilização dos intermediários tecnológicos. Pequenos produtores locais, muitas vezes fora de marcos regulatórios claros, operam em um ambiente de assimetria regulatória, no qual veículos jornalísticos profissionais competem com conteúdos sem compromisso editorial. A captura política e religiosa de mídias locais evidencia lacunas regulatórias que comprometem a pluralidade e a independência editorial.

Temas	Implicações
 Tecnologias e jornalismo	Tecnologias digitais e ferramentas de IA ampliam a capacidade produtiva de pequenos veículos e de comunicadores locais, reduzindo custos e barreiras de entrada. No entanto, a expansão de modelos de linguagem, a automação de conteúdo e a personalização algorítmica tendem a homogeneizar narrativas, a amplificar vieses e a acelerar a produção de conteúdos pouco verificados. A dependência das plataformas tecnológicas reforça a vulnerabilidade dos veículos às mudanças unilaterais de regras, formatos e de monetização.
 Amplitude e profundidade de públicos	Públicos tornam-se mais segmentados por identidade, território, faixa etária e nível socioeconômico. Jovens e populações conectadas consomem majoritariamente informações por meio de plataformas digitais e influenciadores locais, enquanto públicos mais velhos mantêm vínculos com o rádio e a TV. A fragmentação dificulta a circulação de informações de interesse público transversal e aprofundam-se desigualdades territoriais, com regiões mais pobres ou menos engajadas permanecendo sem ampla cobertura jornalística.

CENÁRIO D

FIM DO JORNALISMO

Cenário distópico em que o jornalismo perde sua função social, sendo substituído por sistemas de IA, plataformas digitais e outros atores, como políticos e grupos religiosos, que passam a controlar a produção e disseminação da informação. A ausência de mediação jornalística gera um ambiente dominado pela desinformação, teorias da conspiração e propaganda. Veículos colapsam financeiramente, enquanto jornalistas enfrentam violência, autocensura e perda de relevância. O resultado é um cenário em que a democracia aparece fragilizada, marcado pela erosão da confiança pública e pela impossibilidade de verificação efetiva da informação.

Narrativa

Cenário disruptivo em que o ecossistema informativo brasileiro atravessa um colapso estrutural. A transformação tecnológica acelerada, aliada à ausência prolongada de políticas públicas e de regulação das plataformas digitais, cria um ambiente em que a prática jornalística, como profissão e instituição, perde relevância, distinção e capacidade de mediação. A informação passa a circular quase inteiramente por meio de sistemas de inteligência artificial, que sintetizam conteúdos ditados por algoritmos, respondem a perguntas diretas dos usuários e se integram a redes sociais, assistentes pessoais e mecanismos de busca. O acesso direto às fontes se torna raro: a maioria das pessoas se informa por meio de *chatbots* e de respostas geradas automaticamente, que filtram, reorganizam e redefinem a própria ideia de “notícia”.

Nesse contexto, a diversidade incontrolável de fontes e produtores paralelos de conteúdo desmonta o ecos-

sistema jornalístico. E a desordem informacional intensifica a descredibilização do jornalismo profissional: cresce a percepção, estimulada por grupos políticos, religiosos e econômicos, de que atacar a imprensa é necessário à manutenção de seus interesses.

Teorias conspiratórias tornam-se mais influentes do que reportagens verificadas, e o público desconfia sistematicamente das instituições jornalísticas, enxergando nelas censores, inimigos ideológicos ou atores cooptados. A violência simbólica e material que antes vinha de agentes públicos desloca-se para a população, agora mediada por imagens e vídeos de circulação massiva. Jornalistas se retiram das redes e autocensuram-se, enquanto veículos inteiros reduzem a cobertura de temas sensíveis e de interesse público.

As plataformas digitais e os agentes de IA, por sua vez, tornam-se árbitros de última instância sobre o que é ou não jornalismo ou o que deve ser distribuído ao público. Ferramentas de busca e sis-

temas de IA “aniquilam” o acesso direto aos veículos, sintetizando respostas com base em conteúdo jornalístico (ou o que dele restar) sem compensação financeira, o que corrói a sustentabilidade econômica do setor.

A lógica de “notas da comunidade” substitui políticas de checagem estruturadas, recorrendo a reportagens como referência, mas sem apoiar as organizações que as produzem. Como resultado, o modelo tradicional de *fact-checking* é gradualmente absorvido e neutralizado pelas plataformas, ao mesmo tempo em que gêneros clássicos do jornalismo – reportagem, entrevista, investigação – são substituídos por formas automatizadas de produção de informação.

A sustentabilidade financeira torna-se inviável. A explosão de serviços por assinatura leva o público a ser mais seletivo, reservando recursos apenas a poucas marcas, em geral controladas pelas grandes empresas ou grupos de comunicação, enquanto veículos locais e independentes desaparecem. Organizações que dependem de editais não conseguem assegurar continuidade. Acordos internacionais permitem que plataformas de IA licenciem conteúdo de agências estrangeiras, marginalizando iniciativas jornalísticas brasileiras e agravando assimetrias globais de informação.

Em algumas regiões, o vazio deixado pelo colapso jornalístico é preenchido por grupos religiosos, corporações políticas e até o crime organizado, que

capturam rádios comunitárias, influenciadores e canais digitais para construir seus próprios aparatos de propaganda.

Com a dissolução dos referenciais profissionais, qualquer pessoa pode produzir “notícias” e a categoria de jornalista perde valor social, técnico e identitário. Sem formação consistente e sem condições de trabalho, proliferam os produtores de conteúdo que se apresentam como fontes de verdade, mas operam guiados por crenças, ideologias ou interesses comerciais que podem ser pouco transparentes. A linguagem jornalística é gradualmente substituída por formatos publicitários, orientados por métricas de influência e engajamento. A fronteira entre notícia, opinião, entretenimento e

propaganda desaparece – um processo de implosão conceitual em que, se tudo pode ser chamado de jornalismo, nada mais é jornalismo de fato.

Nesse ambiente, veículos tradicionais e grandes empresas jornalísticas abandonam reportagens longas, investigação e cobertura de interesse público, substituindo-as por conteúdos rápidos e politizados, voltados a agendas de grupos organizados. A função social do jornalismo – fiscalizar o poder, informar a sociedade, produzir conhecimento público – é corroída até se tornar irreconhecível. A própria liberdade de imprensa se torna refém de quem ocupa o poder: governos assumem a desinformação como política de Estado, e a alternância democrática passa a significar também alternância no grau de hostilidade institucional à imprensa.

No “Fim do jornalismo”, o que desaparece não é a informação, mas sua mediação pública, sua ética profissional e sua função cívica.

No “Fim do jornalismo”, o que desaparece não é a informação, mas sua mediação pública, sua ética profissional e sua função cívica. O que emerge é um ambiente saturado de conteúdo, mas vazio de jornalismo: um espaço em que a opinião se confunde com a verdade, a tecnologia define o que merece ser visto e a democracia perde uma de suas estruturas de sustentação.

SÍNTESE

- **Predominância do consumo mediado por IA:** *chatbots*, buscadores e assistentes de IA tornam-se a principal fonte de informação; o acesso direto a veículos jornalísticos praticamente desaparece.
- **Desordem informacional generalizada:** a multiplicidade de fontes não filtradas compromete a credibilidade do jornalismo e difunde teorias conspiratórias como narrativas dominantes. Caracteriza-se também pelo desaparecimento de critérios de apuração, de verificação e de padrões profissionais, o que dificulta distinguir fatos de manipulações.
- **Erosão da prática jornalística:** gêneros jornalísticos tradicionais são absorvidos ou substituídos por IA. A figu-

ra do jornalista perde referência, função social e reconhecimento institucional. Há também o desaparecimento da mídia pública e educativa, bem como de iniciativas de educação midiática.

- **Colapso da sustentabilidade financeira:** assinaturas se tornam seletivas; editais não sustentam veículos; conteúdos são canibalizados pela IA; plataformas e acordos globais marginalizam a produção local.
- **Domínio das plataformas e da IA:** sistemas automatizados passam a controlar o fluxo informativo e apagar as fontes jornalísticas originais.
- **Explosão da desinformação:** teorias conspiratórias e conteúdos falsos ganham maior influência do que as reportagens verificadas.
- **Ocupação do vácuo por outros atores produtores da informação:** grupos políticos, religiosos, econômicos e criminosos assumem o papel de produtores de conteúdo para fins de propaganda.
- **Risco para a democracia:** sem jornalismo independente e com crescente autocensura, a fiscalização do poder e o debate público informado tornam-se inviáveis.

IMPLICAÇÕES PARA OS TEMAS DE IMPACTO

Temas	Implicações
 Conteúdos	O colapso da integridade informativa torna os conteúdos jornalísticos indistinguíveis de narrativas fabricadas, de propaganda ou de teorias conspiratórias. Gêneros clássicos do jornalismo (reportagem, entrevista, investigação) são absorvidos ou simulados por sistemas de IA, sem compromisso com a apuração, a verificação ou a responsabilidade editorial. A noção de método jornalístico desaparece do horizonte público, e a qualidade deixa de ser um critério reconhecível e valorizado socialmente.

Temas	Implicações
 Formas de distribuição	O acesso à informação passa a ocorrer quase exclusivamente por meio de <i>chatbots</i>, buscadores e assistentes de IA, que fornecem respostas sintéticas, sem referência clara às fontes originais. O acesso direto a veículos jornalísticos torna-se residual ou inexistente. As plataformas e sistemas automatizados passam a controlar integralmente o fluxo informativo, apagando a mediação jornalística e a rastreabilidade das informações, o que inviabiliza a checagem e a contestação pública.
 Sustentabilidade financeira	Há um colapso generalizado dos modelos de financiamento do jornalismo. Assinaturas tornam-se altamente seletivas e restritas a nichos elitizados; editais públicos e filantrópicos mostram-se insuficientes para sustentar redações; conteúdos jornalísticos são sistematicamente canibalizados por IA sem retorno financeiro às fontes originais. A produção local é marginalizada por acordos globais entre plataformas e grandes produtores de tecnologia, aprofundando a extinção econômica do setor.
 Políticas públicas de fomento	As políticas públicas de fomento tornam-se ineficazes diante do impacto da IA e da perda de centralidade dos veículos jornalísticos. Instrumentos tradicionais de apoio não conseguem competir com a escala e a velocidade dos sistemas automatizados. Em contextos de crise democrática, o próprio Estado pode reduzir ou capturar mecanismos de fomento, agravando a erosão do jornalismo independente.
 Regulação	A ausência ou o fracasso da regulação das plataformas e da IA permite que sistemas automatizados dominem a circulação de informações, sem transparência, responsabilidade ou critérios editoriais. A produção informativa passa a ser controlada por atores tecnológicos globais, enquanto grupos políticos, religiosos, dentre outros, ocupam o vácuo regulatório para difundir propaganda e manipulação. A assimetria de poder regulatório inviabiliza a proteção da prática jornalística.

Temas	Implicações
 Tecnologias e jornalismo	A inteligência artificial deixa de ser uma ferramenta de apoio e passa a substituir estruturalmente o jornalismo, automatizando a produção, a curadoria e a distribuição de conteúdos. Sistemas generativos e modelos de linguagem operam como mediadores da realidade, redefinindo o que é visível, relevante ou verdadeiro. A lógica técnica dos algoritmos impõe-se sobre critérios éticos e editoriais, dissolvendo a função social do jornalista como mediador crítico da informação.
 Amplitude e profundidade de públicos	Os públicos passam a consumir informação de forma passiva, personalizada e descontextualizada, mediada por sistemas de IA que reforçam vieses, crenças prévias e bolhas informacionais. A capacidade de distinção entre fatos e manipulações é drasticamente reduzida em todas as faixas etárias e níveis socioeconômicos. A fragmentação extrema e a desordem informacional tornam inviável a construção de referências comuns, afetando diretamente o debate público.



TRAJETÓRIAS ROBUSTAS PARA UM JORNALISMO ÍNTEGRO E DE CONFIANÇA



De maneira geral, o futuro será uma combinação de situações imaginadas nos quatro cenários. É preciso estar preparado para a ocorrência de qualquer um deles, parcial ou totalmente. É nesse sentido que o estudo se conclui com o que se convencionou chamar de trajetórias robustas. São robustas porque permitem ao jornalismo íntegro e de confiança posicionar-se para enfrentar quaisquer situações previstas nos cenários.

A seguir, descrevem-se as estratégias de enfrentamento para cada cenário, finalizando com uma síntese das trajetórias robustas para o fortalecimento do jornalismo íntegro e de confiança nos próximos dez anos.

Enfrentamento do Cenário A

REFÊNS DE PLATAFORMAS

O fortalecimento do jornalismo íntegro e de confiança dependerá, em grande medida, da busca por escala (alcance a diferentes audiências, regiões e localidades) e da capacidade de enfrentar e competir com fontes de informação digital não confiáveis, sem compromisso com o método jornalístico, cujo crescimento será exponencial e fragmentado, país adentro, nos próximos dez anos.

Estratégias decorrentes para fortalecer o jornalismo íntegro e de confiança:

- **Ocupar**, de forma planejada e sistemática, espaços nas plataformas e nos meios digitais.
- **Enfrentar** a concorrência crescente de informações desvinculadas da sua integridade, por meio de iniciativas como a criação de selos de confiabilidade da informação.
- **Fortalecer** conexões com grandes mídias (criar redes, associações, parcerias, cooperações em eventos etc.) que seguem o método jornalístico baseado em processos confiáveis e íntegros, para ampliar sua capilaridade.
- **Fomentar** movimentos nacionais de esclarecimento e engajamento de jornalistas e profissões associadas para o fortalecimento do jornalismo íntegro e de confiança e promover ações junto a governos (três níveis), empresas, terceiro setor e à sociedade de forma mais ampla.
- **Atuar** em arenas políticas utilizando estratégias como o advocacy para estabelecer marcos regulatórios que exijam transparência algorítmica, proteção à autoria e a remuneração obrigatória pelo uso de conteúdos jornalísticos por sistemas de IA, combatendo a canibalização financeira do setor.
- **Diversificar** as fontes de receita, além da propaganda nos veículos de divulgação (sem contar as fontes governamentais, ausentes nesse cenário), como o entretenimento cultural e educativo, que não só não comprometa o jornalismo íntegro e de confiança, mas também colabore para atrair e fidelizar audiências.

Enfrentamento do Cenário B

PRAÇA PÚBLICA QUALIFICADA

O principal desafio neste cenário, em geral positivo para o jornalismo íntegro e de confiança, é o esforço de divulgar e ver implementados os elementos essenciais do método jornalístico em um ambiente que, embora regulado quanto ao uso das plataformas e distribuição de informação, é essencialmente fragmentado e geograficamente disperso, tanto na produção, quanto nos formatos e alcance da informação. Essa heterogeneidade, referenciada em um ambiente regulado a favor da credibilidade, não dispensa ações formativas que desenvolvam uma base metodológica comum e reconhecida para seu avanço.

Estratégias decorrentes para a garantia de um jornalismo íntegro e de confiança:

- **Fomentar** movimentos nacionais de esclarecimento e engajamento de jornalistas e de profissões associadas e promover ações junto aos governos em todos os níveis, às empresas, ao terceiro setor e à sociedade de forma mais ampla.
- **Implementar** ações de formação baseadas no método de formação jornalística, adequadas à heterogeneidade de audiências, fontes e âmbitos geográficos para os quais esse cenário aponta.
- **Investir** na criação de selos de confiabilidade para os diversos âmbitos e realidades desse cenário.
- **Manter** um debate permanente em fóruns decisórios sobre os marcos regulatórios relacionados à produção e divulgação de informação, de forma a atualizá-los em função das novas tecnologias e a evitar retrocessos que comprometam o jornalismo íntegro e de confiança.

Enfrentamento do Cenário C

O FUTURO É LOCAL

Neste cenário, o principal desafio para o jornalismo íntegro e de confiança é ser reconhecido como uma fonte de informação comprometida com o método de produção jornalística em um ambiente informativo fragmentado, altamente segmentado e pouco regulado. A confiança do público está enraizada em vínculos afetivos, identitários e territoriais, mas a existência de vínculo não implica, necessariamente, integridade da informação. A sobrevivência do jornalismo depende da sua capacidade de diferenciar-se, ser valorizado e construir nichos de alta retenção.

Estratégias decorrentes para a garantia de um jornalismo íntegro e de confiança:

- **Definir** os nichos principais de atuação (temáticos, territoriais, identitários) e compreender as demandas, valores e hábitos de consumo de informação da audiência.
- **Construir** propostas editoriais explícitas e transparentes, que deixem claro ao público o que diferencia o veículo de outras fontes e produtores individuais: critérios de apuração, verificação, objetividade, diversidade de fontes, entre outros.
- **Desenvolver** formatos de engajamento contínuo com a audiência, como newsletters, grupos moderados, eventos e transmissões ao vivo, e estabelecer canais de diálogo direto.
- **Estruturar** modelos de retenção e financiamento baseados em vínculo e confiança: oferecer, por exemplo, contrapartidas claras para membros e assinantes. Acesso antecipado a conteúdos, participação na definição de pautas e venda de produtos segmentados são algumas possibilidades.
- **Manter** coerência editorial ao longo do tempo, para construir confiança e se diferenciar de fontes não comprometidas com o método jornalístico. Evitar oscilações em pauta, linguagem e posicionamentos excessivamente orientados por engajamento algorítmico ou por interesses comerciais.
- **Utilizar** selos de confiabilidade, certificações e mecanismos de reconhecimento como parte de uma estratégia mais ampla de construção e valor.
- **Estruturar** mecanismos híbridos de fomento (público, filantrópico e internacional), com gestão autônoma, voltados à sobrevivência de veículos locais, independentes e investigativos que operam nos desertos de notícias.

Enfrentamento do Cenário D

FIM DO JORNALISMO

O desafio central neste cenário é a sobrevivência da função social do jornalismo em um ecossistema em que a mediação profissional foi substituída por sistemas automatizados de IA e por aparatos de propaganda de grupos de interesse. O jornalismo íntegro e de confiança deixa de ser uma instituição de mercado para se tornar uma atividade de resistência e de nicho. O esforço não é mais de expansão, mas de preservação de protocolos mínimos de qualidade em um ambiente hostil, onde a sustentabilidade econômica não existe e a violência contra a categoria foi normalizada. A integridade da informação, neste contexto, depende de uma luta contra a invisibilidade algorítmica e a captura ideológica dos canais de distribuição.

Estratégias decorrentes para a garantia de um jornalismo íntegro e de confiança:

- **Construir** coalizões permanentes entre veículos, universidades, o sistema de Justiça e organismos internacionais para defender o jornalismo como pilar democrático e garantir a proteção jurídica e física de jornalistas diante do aumento da violência e da autocensura.
- **Priorizar** a manutenção de estruturas, ainda que reduzidas, dedicadas exclusivamente ao jornalismo de interesse público e à fiscalização dos poderes, assegurando a produção de evidências e o rigor metodológico como diferenciais inegociáveis.
- **Desenvolver** tecnologias próprias e canais de acesso direto ao público (fora da lógica das plataformas e IAs), garantindo a rastreabilidade das fontes, a autenticação de conteúdos (por meio de criptografia ou marcas d'água) e a transparência editorial.
- **Implementar** ações de educação informacional vinculadas a projetos jornalísticos reais para reconstruir a capacidade do público de distinguir fatos verificados de conteúdos automatizados e de propaganda.
- **Estabelecer** redes internacionais para o compartilhamento de dados, metodologias de checagem e infraestruturas tecnológicas de código aberto, reduzindo a dependência tecnológica em relação a empresas globais.
- **Preservar** acervos históricos e produções profissionais como patrimônio público, garantindo que as referências técnicas e éticas do jornalismo não sejam apagadas ou reescritas por sistemas de inteligência artificial.

SÍNTESE DAS ESTRATÉGIAS

O estudo identificou quatro cenários alternativos possíveis para o futuro do jornalismo íntegro e de confiança, cada um com implicações e estratégias específicas. Ao analisá-los comparativamente, percebe-se que existe um conjunto de estratégias que se mostram consistentes e eficazes em qualquer um deles.

Essas trajetórias transversais são consideradas robustas porque fortalecem a capacidade adaptativa do setor em diferentes situações e contextos, valorizando os fundamentos do jornalismo íntegro e de confiança e ampliando suas condições de sobrevivência. São elas:

● **Tornar o método jornalístico transparente e amplamente conhecido:** adotar como prática padrão a comunicação clara dos critérios de apuração, verificação e objetividade do jornalismo, de modo a diferenciá-lo de conteúdos automatizados, totalmente opinativos e que contêm desinformação. A adoção desse método deve ser evidenciada ao público, por meio de selos, certificações e outras medidas que permitam a rápida identificação do conteúdo produzido pelo jornalismo íntegro e de confiança.

● **Enfrentamento à desinformação:** estruturar iniciativas permanentes de monitoramento e checagem de conteúdos virais ou aprimorar aquelas existentes, com o objetivo de identificar informações enganosas e produzir verificações acessíveis ao público. Podem ser desenvolvidas em parceria com outros veículos, universidades e plataformas digitais beneficiando-se do compartilhamento de metodologias, dados e ferramentas de checagem.

● **Fortalecer redes de cooperação:** estabelecer parcerias entre organizações de jornalismo locais, regionais e nacionais

para ampliar alcance territorial, compartilhar programas de capacitação profissional e estruturar projetos conjuntos de monitoramento de desinformação. A cooperação com universidades também pode ampliar a capacidade investigativa sobre desinformação, hábitos de consumo de notícias e o funcionamento de plataformas.

● **Diversificar modelos de sustentabilidade financeira:** combinar publicidade (inclusive segmentada), filantropia, editais e fundos públicos, assinaturas e membresia, de modo a construir vínculos de identificação e confiança com a audiência e fortalecer retenção do engajamento.

● **Investir em educação midiática:** em parceria com escolas e universidades, capacitar diferentes segmentos da população a reconhecer fontes de jornalismo íntegro e de confiança e compreender o método jornalístico. A educação midiática deve ter como objetivo construir a literacia ou letramento midiático⁴, formando cidadãos com conhecimentos básicos sobre o processo de produção do jornalismo confiável e capazes de realizar análises e reflexões críticas sobre os conteúdos informacionais que consomem e compartilham.

● **Advocacy para fortalecimento do ambiente regulatório do jornalismo:** atuar regularmente em fóruns e processos de deliberação sobre normas e leis que protejam o jornalismo íntegro e de confiança.

4 Os termos “literacia midiática”, “letramento midiático” ou “alfabetização midiática” são utilizados para traduzir e abarcar o significado do termo anglófono Media and Information Literacy. De acordo com a Unesco, o letramento midiático refere-se a um conjunto fundamental de habilidades que permitem avaliar criticamente as atividades da mídia e de outros provedores de informação, compreender os processos de produção de conteúdos midiáticos e participar de maneira consciente e crítica no consumo e no engajamento com esses conteúdos.





REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS atua pela liberdade, a independência e o pluralismo no jornalismo. Dotada de um status consultivo junto à ONU e à UNESCO, a organização, baseada em Paris, conta com 14 escritórios e seções e mais de 150 correspondentes no mundo.